

Paleta de Cores¹

Diego PAULINO²

Heloá Pizzi MAURO³

Juliana CARRILHO⁴

Karen YOSHIZAVA⁵

Virgínia JANGROSSI⁶

Victor Casé de Souza OLIVEIRA⁷

Débora BURINI⁸

Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP

RESUMO

“Paleta de Cores” é um projeto de seriado de televisão produzido como Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) de Imagem e Som da Universidade Federal de São Carlos, resultando em uma Bíblia de Série e o Episódio Piloto. Num futuro próximo, chega ao Brasil "MJ", a droga milagrosa que promete revolucionar os paradigmas raciais conhecidos através do mais eficiente clareamento de pele negra já criado. Nem é preciso dizer que Jaque, *vlogger* negra de 20 anos, fará de tudo para garantir sua dose. Pretende-se, com o trabalho, abordar através do entretenimento a falta de representatividade negra nas mídias, o movimento negro, o racismo e o autopreconceito.

PALAVRAS-CHAVE: movimento negro; racismo; seriado; televisão; representatividade

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Estudantes de Graduação e Recém-graduados (2015-2016), modalidade RT 04 Ficção em vídeo – Telenovela, Séries Televisivas e afins (seriado).

² Aluno líder do grupo e estudante recém-formado do Curso de Imagem e Som, email: diegopaulinus@gmail.com.

³ Estudante recém-formado do Curso de Imagem e Som, email: heloapm@gmail.com.

⁴ Estudante recém-formado do Curso de Imagem e Som, email: julianabl@bol.com.br.

⁵ Estudante recém-formado do Curso de Imagem e Som, email: karenyoshizava@gmail.com.

⁶ Estudante recém-formado do Curso de Imagem e Som, email: vih.jangrossi@gmail.com.

⁷ Estudante recém-formado do Curso de Imagem e Som, email: victor.case@gmail.com.

⁸ Orientadora do trabalho. Professor do Curso de Imagem e Som, email: dburini@ufscar.br.

1 INTRODUÇÃO

O projeto Paleta de Cores conta a história de Jaqueline de Andrade a partir do momento em que chega ao Brasil, em 2021, o medicamento Melanodroxila — popularmente conhecida como "MJ". A MJ é um medicamento capaz de clarear a epiderme negra, deixando-a branca. Jaqueline se interessa pela droga e decide tomá-la, afetando a vida das pessoas ao seu redor, em especial seus amigos de infância — Dominique e Nêgo — e sua mãe, D. Sandra. Jaqueline é uma menina sonhadora e ingênua, influenciada pelos padrões de branquitude ao seu redor: suas referências de sucesso e ascensão social têm pouca melanina na pele. Dominique e Nêgo são mais conscientes da posição que têm como jovens negros em um país erguido a base de sangue africano, e são militantes no movimento negro universitário. D. Sandra é da velha guarda, tendo criado a filha sem a presença do pai, é uma mulher negra resistente e bem-humorada. Temas como autopreconceito, padrões de beleza, colorismo e racismo são postos em pauta no decorrer do seriado a fim de gerar discussão. Dos diferenciais do projeto, dois se destacam: o formato documental (ou falso documental) e o gênero escolhido, a comédia, trabalhando os temas citados acima de uma forma leve e irreverente - porém não menos séria. O resultado principal foi a produção do episódio piloto, disponível em: <https://vimeo.com/155707286>.

2 OBJETIVO

Desde sua concepção, o projeto teve como objetivo não apenas contar uma boa história, mas ir além disso, colocando negros e negras em posição de destaque, dando voz a suas ideias, medos e desejos e fugindo do lugar comum. O projeto visa ajudar a mitigar as lacunas de representatividade negra no audiovisual brasileiro, que perpetua estereótipos através da mídia de massa. “Paleta de Cores” quer, como o próprio nome indica, colorir a TV brasileira.

3 JUSTIFICATIVA

"Paleta de Cores" se propõe a ser mais que um seriado televisivo de entretenimento de massa; aspira, também, a ser um agente determinante em busca de questionamentos e mudanças sociais, focado nas relações de etnia e raça. Negros e negras no Brasil se veem pouco

representados na TV brasileira e, quando essa representação acontece, vem de forma problemática. São excluídos dos núcleos principais, destinados a histórias construídas em cima de estereótipos que perduram desde o período escravocrata, tão recente em nosso país. Intérpretes de empregadas domésticas, garis e bandidos, só é reservado ao afrobrasileiro a posição periférica e marginal que ocupava ainda durante a escravidão. A TV e suas histórias parecem congeladas no tempo ao negar a ascensão do negro na sociedade e insistir na perpetuação da imagem do povo negro fora de posições de poder, sem direito de fala; sem direito a sua autorrepresentação. Consequências, estas, do racismo estrutural e institucionalizado do nosso país, onde relações de hierarquia racial (o povo branco no topo da pirâmide) são culturalmente aceitas e ainda há o discurso da democracia racial.

A democracia racial é uma falácia que se baseia na negação do negro do Brasil e constante tentativa de apagar a mancha preta em nossa sociedade. Exemplo dessa tentativa consciente de suprimir a presença do personagem negro no audiovisual pode ser visto no discurso racista presente em uma edição da revista “Cinearte”:

Fazer um bom cinema no Brasil deve ser um ato de purificação de nossa realidade, através da seleção daquilo que merece ser projetado na tela: o nosso progresso, as obras de engenharia moderna, nossos brancos bonitos, nossa natureza (Cinearte apud Debs, 2002, p. 80).

“Nossos brancos bonitos” não fazem parte dos 74,6%⁹ de jovens vítimas de homicídio no ano de 2010. “Nossos brancos bonitos” não tiveram um aumento de 54% durante um período de 10 anos nas estatísticas de homicídios de mulheres negras¹⁰. “Nossos brancos bonitos” não são

⁹ O diagnóstico produzido pelo Governo Federal apresentado ao Conselho Nacional de Juventude – CONJUVE mostra vetores importantes desta realidade, para além dos socioeconômicos: a condição geracional e a condição racial dos vitimizados. Em 2010, morreram no Brasil 49.932 pessoas vítimas de homicídio, ou seja, 26,2 a cada 100 mil habitantes. 70,6% das vítimas eram negras. Em 2010, 26.854 jovens entre 15 e 29 foram vítimas de homicídio, ou seja, 53,5% do total; 74,6% dos jovens assassinados eram negros e 91,3% das vítimas de homicídio eram do sexo masculino. Já as vítimas jovens (ente 15 e 29 anos) correspondem a 53% do total e a diferença entre jovens brancos e negros salta de 4.807 para 12.190 homicídios, entre 2000 e 2009. Os dados foram recolhidos do DataSUS/Ministério da Saúde e do Mapa da Violência 2011.

¹⁰ O número de homicídios de mulheres negras cresceu 54% em dez anos, passando de 1.864, em 2003, para 2.875, em 2013. É o que aponta o Mapa da Violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil, elaborado pela Faculdade Latino-Americana de

minorias nas universidades. Aos “nossos brancos bonitos” não é negado o direito de se ver representado em um filme, novela ou seriado. Não é dito aos “nossos brancos bonitos” que sua cor é feia, que seu cabelo é ruim e sua boca, grande demais. Não é reservado aos “nossos brancos bonitos” os papéis de servidão e posição inferior na mídia. Aos “Nossos brancos bonitos” só é conveniente o discurso da democracia racial, os isentando de qualquer responsabilidade para com um país erguido a base de sangue negro.

“Paleta de Cores” vem como uma narrativa seriada disposta a mudar esse cenário. Usar da estética do falso documentário, o mocumentário, é decisivo na busca pela crítica social. De efeito subversivo, pretende-se criar o riso incômodo em situações absurdas e questionar os modelos de sociedade em que vivemos, tendo como base a estética documental — na qual, grosso modo, tudo é verídico e não-ficcional — aplicada em uma narrativa seriada, como no exemplo de “*The Office*” (2005-2013):

The Office retrata de forma sarcástica o comportamento de uma equipe de funcionários liderada por um chefe egocêntrico em uma empresa de papel. Percebe-se uma crítica à relação chefe e funcionário, evidenciando disputa e competição no trabalho, relações amorosas e preconceito. Apesar de expor aspectos sociais, *The Office* é uma comédia com forte apelo hilário a ponto de buscar nos códigos documentais mais credibilidade. Dessa forma, faz do espectador um observador dos eventos ocorridos no escritório. O seriado é filmado em formato digital, no estilo *cinema vérité*, com a câmera seguindo os personagens de uma forma instável (para passar a sensação de improviso) (EMÉRITO, 2008).

A narrativa seriada foi escolhida pela possibilidade de pôr em pauta mais assuntos do que em um curta-metragem, assim como trabalhá-los e desenvolvê-los junto dos resultados obtidos

Ciências Sociais (Flacso), com o apoio da ONU Mulheres Brasil, da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do governo brasileiro e divulgado nesta segunda-feira (09/11).

com as ações transmidiáticas que ocorrem em paralelo. “Paleta de Cores” leva a discriminação racial para as telas, em uma narrativa inovadora na TV brasileira, tendo voz uma personagem feminina negra criada por um aspirante a cineasta também negro. “Paleta de Cores” quer dar ao negro o lugar que lhe é de direito: todo lugar.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A estética do episódio piloto de “Paleta de Cores” tem como referencial maior o documentário cômico, popular em comédias de situação (sitcoms). Desta forma, a decupagem foi elaborada de maneira que a câmera acompanhasse as ações como um espectador intruso, um documentarista ali presente. Foi necessário o uso de câmeras não-fixas para criar a ilusão de que os personagens estão sendo perseguidos, bem como a inserção de as entrevistas com personagens na narrativa, construindo-a de maneira fragmentada e brincando com a percepção do espectador.

O universo de “Paleta de Cores” é ambientando num futuro próximo, um 2016 mais tecnológico, e para isso, direção de arte e pós-produção trabalharam juntas a fim de criar esse tempo narrativo. O *color blocking* — a tendência de se usar várias cores em blocos numa mesma composição de roupas — também é marcante no episódio, assim como a maquiagem colorida com referências na geometria e na cultura do continente africano, com o objetivo de consolidar a identidade visual ao título do projeto.

A pós-produção trabalhou para realçar essas características, tornando as cores mais vibrantes e criando a atmosfera futurista e jovem do seriado, com mensagens de texto mostradas em tela, por exemplo. O som direto é limpo, condizente com a estética da televisão. A trilha musical foi pensada de forma a ter em sua maioria artistas negros do cenário musical independente, que trabalham ritmos que se enquadram em nossa proposta de um futuro mais afrocentrado.

A montagem do seriado seguiu o caminho já consolidado das narrativas seriadas do gênero escolhido, acentuando a atuação e garantindo a comicidade da situação. Além disso, o episódio piloto também fez experimentações com a linguagem de acordo com as necessidades narrativas, como na sequência de dança no churrasco, que segue a estética dos vídeoclipes.

Todos esses mecanismos filmicos contribuem para a proposta cômica do seriado, seja na olhadela para a câmera quebrando a quarta parede, ou num depoimento comentando a própria narrativa. A comédia foi escolhida, acima de tudo, para que se pudesse fugir de esterótipos cânones neste gênero e tratar de um tema tão delicado como a questão racial no Brasil de forma mais leve, resultando também em maior apelo para a TV e conseqüentemente para o público.

5 DESCRIÇÃO DO PROCESSO

Durante a fase de pesquisa e planejamento, foi feito o amadurecimento do projeto com a criação da Bíblia de Série, apoiada sobre as pesquisas e discussões entre a equipe. Foi feita uma busca por informações que trouxessem um conteúdo pertinente com a realidade da comunidade negra e com os aspectos que giram em torno da questão racial, promovendo um suporte mais confiável ao produto audiovisual.

Além da leitura de material bibliográfico, foram realizadas entrevistas com lideranças negras, ligadas a movimentos políticos, culturais ou cidadãos engajados com a questão, como o Coletivo Nacional da Juventude Brasileira pela Igualdade Racial (CONAJIR) e o "Café das Pretas", ambos da cidade de São Carlos.

Foram produzidos 5 tratamentos de roteiro, sempre em conjunto com toda equipe, através da metodologia de *Writer's Room* utilizada no mercado norte-americano, a fim de fortalecer a narrativa e os pontos cômicos do episódio.

O trabalho de captação de recursos foi árduo e, uma vez que o projeto não se enquadrava na Lei Rouanet, este tipo de incentivo não foi incluído na estratégia. Inscreveu-se o "Paleta de Cores" em três editais mas infelizmente o projeto não foi selecionado por nenhum.

Buscando parceiros já inseridos no mercado, os produtores do projeto levaram o seriado ao Rio Content Market 2015, onde foram selecionados para uma reunião com o canal norte-americano por assinatura SundanceTV. Apesar de demonstrar interesse, a empresa estava à procura de produções em um estágio de desenvolvimento mais apurado.

O orçamento, então, foi composto por duas fontes principais: a caixinha da equipe, na qual cada membro contribuiu mensalmente, e a campanha de *crowdfunding* através da

plataforma Catarse, que ultrapassou em 27% a meta inicial de R\$ 4.000,00. Houve uma reunião com o ex-ministro chefe da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, Eloi Ferreira Araújo, que se interessou pelo projeto e lamentou as dificuldades de financiamento de projetos com a temática étnico-racial. Em busca de ajudar o projeto, passou o contato de José Vicente, reitor da Universidade Zumbi dos Palmares, com quem houve uma reunião e estão sendo estudadas possíveis parcerias.

O patrocínio direto com empresas ligadas de alguma forma com questão racial também foi infrutífero. Como alertado à equipe por Leno F. Silva, produtor da Feira Preta, há uma grande dificuldade em encontrar apoio para projetos que discutem a questão racial. Porém, foi possível encontrar apoio em diversos estabelecimentos da região, firmando acordos nas áreas de hospedagem, alimentação e transportes.

Ainda na pré-produção, a equipe organizou a produção de fotos para a campanha #AhBrancoDaUmTempo na UFSCar — campanha iniciada na UnB e que rapidamente se espalhou pelo país, com intuito de expor racismos cotidianos sofridos por negros. Também foi realizado o Sarau das Cores com intuito de fomentar o debate sobre a representatividade negra nas artes.

O *casting* foi realizado em São Paulo, onde foram selecionados os atores Letícia Calvosa e Jhow Carvalho para os papéis de Jaqueline e Nêgo, e em São Carlos, onde foi selecionada a atriz Ayni Estevão para o papel de Dominique e os coadjuvantes. Para o papel de D. Sandra buscou-se uma atriz negra famosa, que pudesse agregar valor ao produto. A partir da busca e contato, fechou-se com Ju Colombo, que demonstrou grande interesse e empenhou-se em criar uma personagem profunda e complexa.

Para a preparação do elenco, optou-se por seguir o método de Stanislavsky como base das diretrizes de preparação de elenco de modo que a construção biográfica teve sua base constituída, além das indicações do roteiro e da Bíblia de Série, em um processo de criação coletiva com os atores.

Para a gravação do episódio piloto foram planejadas 11 diárias durante os 14 dias para os quais foram locados os equipamentos, de forma que houvesse dias livres a fim em caso de

imprevistos. Apesar de a ordem do dia não ter sido seguida à risca, foi possível gravar todos os planos propostos. A base de produção ficou localizada em uma república estudantil, onde foram preparadas as refeições e ficaram alojados os equipamentos. Optou-se por cozinhar as refeições ao invés de comprá-las prontas a fim de oferecer uma refeição saudável, saborosa, barata e que levasse em conta as restrições alimentares da equipe. Contou-se com a ajuda de duas mães de integrantes da equipe, ambas com experiências profissionais em cozinhas de grande porte. A maior parte dos alimentos oferecidos foi obtida por meio de doações e permutas com restaurantes locais. Uma vez que os gastos totais com alimentação — contando as despesas com gás e descartáveis — foi de R\$ 912,57, chega-se no valor aproximado de R\$ 83 por dia para oferecer café da manhã, almoço e dois lanches a uma equipe de em média 25 pessoas, um valor muito econômico.

A equipe estava bem entrosada, de assistentes à cabeças de área, sem ter ocorrido nenhum grande conflito. O bom humor das atrizes — em especial de Ju Colombo — e o tom cômico do seriado também ajudaram a criar uma atmosfera de trabalho descontraída que com certeza contribuiu para que o resultado final das gravações fosse um sucesso.

Como havia uma grande visibilidade do projeto nas redes sociais, optou-se por fazer uma série de vídeos de *making of* — os “Diários do Set”, que se encontram no canal online do projeto <<https://vimeo.com/channels/paletadecores>>. A equipe dedicou-se a colher depoimentos da própria equipe e elenco, além de filmar momentos engraçados, que foram editados e lançados durante todos os dias de gravação. Apesar do cansaço de 11 diárias seguidas, a equipe manteve o bom humor e a produtividade, saindo animada com o resultado positivo da produção.

Durante a finalização, a produção fechou as parcerias com os artistas indicados pela equipe de som e pelo diretor. Por se tratar de artistas independentes, o contato foi fácil e foi possível fazer acordos gratuitos de licenciamento.

6 CONSIDERAÇÕES

Ao final do processo de um ano e meio, da ideia inicial ao resultado final, é interessante notar os pontos que diferenciam o projeto “Paleta de Cores” de outros projetos com o qual a

equipe de produção já havia trabalhado: o envolvimento com o movimento negro; o companheirismo dos membros da equipe; a relação com as empresas parceiras; e a alimentação durante as gravações. Trabalhar em prol de uma causa torna cada obstáculo superado muito mais gratificante — e acreditamos também que este seja um dos motivos que garantiu a sintonia de toda a equipe.

É um passo importante na luta por representatividade negra na mídia brasileira. É necessário que projetos como este ganhem espaço na mídia, um espaço que, assim como os direitos civis conquistados, não virá sem luta. Por isso, o grupo pretende batalhar para a produção integral e veiculação do seriado. Ficou claro durante a realização de “Paleta de Cores” que iniciativas como a nossa são necessárias para fomentar o debate racial no país, para que espectadores repensem suas ações e questionem a posição que o negro assume em nossa sociedade, bem como a sua representação. É necessário dar voz a quem tem sido silenciado historicamente e deixá-lo contar sua própria história, inclusive no meio acadêmico. “Paleta de Cores” foi o primeiro projeto do Bacharelado em Imagem e Som a abordar essa temática de maneira tão direta: a academia, erguida sobre pilares de pensamento eurocêntrico, também ignora a questão racial e é relutante em trabalhá-la. Há poucos negros acadêmicos, poucos negros universitários e quase nenhuma produção - seja na academia ou na mídia de massa - feita por afrobrasileiros. “Paleta de Cores” ganhou destaque de uma forma inesperada, e nosso primeiro contato com isso foi a página do *Facebook* <<http://www.facebook.com/paleta.cores>> que ganhou 1000 curtidas em menos de uma semana. Via-se ali a necessidade de um produto midiático com nosso recorte temático, via-se que o público brasileiro queria sim um produto de qualidade, com recorte racial e realmente cutucar a grande ferida ainda aberta da escravidão em nosso país. Tratar de um assunto tão delicado em meio a denúncias diárias de racismo no Brasil e no mundo só nos dava forças para batalhar mais e deixava mais urgente a necessidade dessa discussão esquecida pelos meios de comunicação de massa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, J. Z. **A força de um desejo – a persistência da branquitude como padrão estético audiovisual**. Revista USP, São Paulo, n.69, p. 72-79, março/maio 2006.

BRASIL. **Lei n.o 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003a, p. 01. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm>.

CANDIDO, M. R.; MORATELLI, G.; DAFLON, V. T.; JÚNIOR, J. F. **“A Cara do Cinema Nacional”**: gênero e cor dos atores, diretores e roteiristas dos filmes brasileiros (2002-2012). Textos para discussão GEMAA (IESP – UERJ), n. 6, 2014. pp. 1-25.

DEBS, S. **Cinéma et Littérature au Brésil. Les Mythes du Sertão: Émergence d’Une Identité Nationale**. Paris, L’Harmattan, 2002.

EMÉRITO, M.B. **O falso documentário**. 2008. 114f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

FREIRE FILHO, João; HERSCHMANN, Micael; PAIVA, Raquel. **Rio de Janeiro: estereótipos e representações**. Revista eletrônica e-compós. Edição 1, dez/2004. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/e-compos>>. Acesso em 10 de maio de 2015.

LAHNI, C.R.; ALVARENGA, N.A.; PELEGRINI, M.Z.; PEREIRA, M.F.F. **A mulher negra no cinema brasileiro: uma análise de Filhas do Vento**. Revista Científica Centro Universitário Barra Mansa - UBM, Barra Mansa, v. 9, n. 17, p. 80-88, jul. 2007

SERRA, Paulo. **Estética e media - o caso da televisão**. 2008. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/serra-paulo-estetica-media.pdf>> Acesso em: 23/05/2015

STANISLAVSKI, Constantini. **A preparação do ator**. Edição 32. Editora: Civilização Brasileira, Brasil. 2014.